

## **IDENTIDADE E COMPLEXIDADE: COMPOSIÇÕES NO CAMPO DA TERAPIA OCUPACIONAL\***

**Elizabeth M. F. Araújo Lima\*\***

---

LIMA, E.M.F.A. Identidade e complexidade: composições no campo da Terapia Ocupacional. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v.10, n.2/3, p.42-5, mai./dez., 1999.

**RESUMO:** Este artigo discute a identidade profissional do terapeuta ocupacional, propondo pensá-la a partir de uma perspectiva transdisciplinar que leve em conta a complexidade do campo de atuação deste profissional. A Terapia Ocupacional é vista aqui como um espaço de multiplicidades discursivas e práticas, que compreende uma diversidade de campos de ação, e a *identidade complexa* do terapeuta ocupacional é buscada na delimitação de um território de questões e práticas atravessado e articulado pelos processos e as técnicas terapêuticas.

**DESCRITORES:** Terapia ocupacional, tendências.

---

**E**m 1974, em um seminário organizado por Lévi-Strauss para discutir "A Identidade", um dos participantes, BENOIST<sup>2</sup>, iniciava sua apresentação com a seguinte frase: "Em uma época aparentemente dedicada a explorar a diferença pode parecer um desafio propor uma investigação sobre a identidade" (apud COELHO Jr., 1996, p.302)<sup>2</sup>.

Vinte e cinco anos depois, continuamos nos perguntando sobre a identidade do terapeuta ocupacional ou da terapia ocupacional. Poderíamos iniciar este artigo seguindo a mesma linha de reflexão e perguntar: porque numa época como a nossa, tão voltada a discutir a diferença, na qual as ciências buscam através de iniciativas transdisciplinares, produzir conhecimentos no interior do paradigma da complexidade, uma profissão como a nossa, marcada pela abertura à alteridade, continua perguntando-se sobre sua identidade?

Talvez por que, no interior de uma prática marcada pela dispersão e pela amplitude de ações, perdemos (ou nunca chegamos a encontrar) aquele sentimento confortável de se sentir em casa, de pertencer a algo, de fazer parte de um grupo que nos dá referência, que nos faz ser reconhecido, tanto externa quanto internamente. Isto é, uma referência que nos possibilite de um lado reconhecermos-nos uns nos outros, talvez não como iguais, mas como integrantes de uma mesma comunidade; de outro, sermos reconhecidos e valorizados pelo meio social; – e estamos falando aqui da representação que o grupo social faz de uma profissão ou de seus profissionais.

E aqui nos deparamos com uma fragilidade do nosso campo: como o meio social ao qual pertencemos reconhece e identifica o terapeuta ocupacional?

Em uma pesquisa realizada em conjunto com os alunos

---

\* Originalmente, este texto foi escrito para ser apresentado, sob forma de comunicação, no VI Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional, na Mesa Redonda: "Identidade Profissional e Transdisciplinaridade: Tensões no Campo da Terapia Ocupacional". Águas de Lindóia, SP, 28 set. a 1 out. 1999.

\*\* Docente do Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Mestre e Doutoranda pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP. Coordenadora do Curso de Especialização "Práxis Artística e Terapêutica: Interfaces da Arte e da Saúde".

**Endereço para correspondência:** Rua Min. Américo Marco Antônio, 351. 05442-040. São Paulo, SP.

do Curso de Terapia Ocupacional da Faculdade de Ciências da Saúde do Instituto Porto Alegre, FURTADO<sup>7</sup> busca compreender como profissionais da área de saúde, doentes e alunos do curso percebem a Terapia Ocupacional. A autora chega à conclusão que a percepção que se tem da Terapia Ocupacional é marcada por um estigma, surgido a partir do “*estabelecimento de um estereótipo de que o doente tem que se manter ocupado, pois assim ele se distrai, não pensa nos problemas, não se torna uma ameaça à família e à instituição*” (1991, p.35)<sup>7</sup>. Este estigma desvaloriza a profissão e faz com que os próprios profissionais se sintam diminuídos e desqualificados. Nós conhecemos este processo de estigmatização muito bem. Temos estudado bastante a produção e os efeitos do estigma na população que atendemos. Não é de se espantar que o mesmo traço de desvalorização recaia também sobre nós.

Mas a autora também nos adverte de um dado fundamental. O senso-comum desconhece o conceito teórico não só da Terapia Ocupacional como de todas as profissões de saúde. O que identificamos como medicina, psicologia ou enfermagem tem muito mais a ver com uma construção imaginária a respeito daquelas profissões do que com o que de fato se produz no campo, seja em termos teóricos seja em termos práticos.

A identidade profissional é, portanto, uma construção imaginária que atribui um valor a uma determinada profissão, valor este que está diretamente relacionado com o valor que aquela prática tem socialmente.

Os resultados dessa pesquisa foram publicados em 1991. Seria interessante retomá-la hoje, levando em consideração as diferenças regionais que certamente estão em jogo. Mas podemos pensar que de 1991 para cá, a imagem do terapeuta ocupacional tem se modificado, talvez não porque nossa identidade hoje esteja mais definida, mas porque temos feito um grande esforço para produzir conhecimentos e práticas que de fato façam diferença para a qualidade de vida da população com a qual atuamos; e mais: também porque nos últimos 10 anos, por um esforço coletivo no qual os terapeutas ocupacionais tiveram participação ativa, também tem se modificado, mesmo que lentamente, o lugar e o valor social da população alvo de nossa prática.

Nossa hipótese é a de que mudaram, em alguma medida, o lugar social da população alvo da terapia ocupacional e o lugar social do terapeuta ocupacional. Neste sentido podemos pensar que uma *identidade complexa* do terapeuta ocupacional tem se delineado e vem aos poucos sendo carregada de um valor positivo.

Utilizamos aqui o termo *identidade complexa*, proposto por MORIN<sup>10</sup>, para indicar uma identidade com mobilidade processual e que possa abarcar a multiplicidade de problemáticas que habitam nosso campo, mas também considerando a importância de podermos nos referir a uma “identidade” no sentido da pertinência a uma comunidade.

Esta “identidade”, aqui colocada entre aspas não diz respeito a um conjunto de semelhantes apenas, pois, como nos ensina DELEUZE (1974, p.100)<sup>3</sup>, a semelhança só pode ser pensada como produto da diferença e a diferença, partir de uma identidade preliminar. Semelhança e diferença estão intrinsecamente articuladas. Para falar em identidade, a partir desta perspectiva, temos que levar em conta semelhanças e diferenças sempre em relações complexas.

Em outro texto preferimos falar em singularidade de um campo e de uma prática (LIMA, 1998, p.99)<sup>8</sup> e não em identidade, pois identidade remeteria a idéia de idêntico e, portanto, à rigidez e à imobilidade. Pensamos que se essa noção volta a insistir, devemos tomá-la para dar-lhe uma nova utilização e um novo sentido.

Esta *identidade complexa* do terapeuta ocupacional tem, então, se delineado a partir de uma rede de questões que enfrentamos na prática e que temos enfrentado também teoricamente para dar consistência ao nosso campo, que ocupa um lugar social e que responde a determinadas problemáticas que estão colocadas no contemporâneo.

Então, propomos pensar que o que nos identificaria não seria um objeto definido de uma disciplina científica, mas a consistência teórico-prática na abordagem de uma rede conceitual e concreta composta por três grupos de questões que são atravessados e articulados pelos processos e as técnicas terapêuticas:

1. os processos criativos e produtivos – o homem em atividade produzindo sua própria saúde e criando territórios para habitar o mundo;
2. as questões relativas a diferença, a precariedade e o inacabamento que marcariam nossa população alvo e que atravessam, também, todo o campo social atual;
3. os processos de exclusão social decorrentes da relação com essas diferenças e os processos de inclusão social construídos pelas nossas práticas (entre outras).

Para pensar e atuar em relação a esta rede complexa de questões é preciso buscar suporte em disciplinas variadas, não tomadas por nós em sua especificidade mas

de modo a fazerem-nas dialogar e interferir-se mutuamente.

Estamos aqui não mais no campo da discussão de uma profissão e seu lugar social, mas pensando a terapia ocupacional como um campo de saber e de produção de conhecimento.

Essa distinção é importante de ser feita: se há uma identidade (a ser continuamente construída) esta é uma identidade profissional; diz respeito às questões da profissão, suas produções, seu valor e poder de troca, o lugar que ocupa na rede de circulação dos serviços e do mercado de trabalho; para esta identidade a especificidade técnica é um dos norteadores.

É importante salientar que neste contexto, das profissões e do mercado, as coisas estão também se transformando de forma bastante rápida. Cada vez mais procura-se um profissional flexível, móvel e polivalente. A questão da identidade profissional é hoje um problema não só para profissões novas como a nossa, mas também para aquelas já estabelecidas de longa data. No entanto para essas o conflito interno do profissional com a atividade que efetivamente desempenha, que muitas vezes é diferente daquela atividade profissional para a qual ele foi preparado, ainda não está somado, como na nossa profissão, aos conflitos externos referentes ao reconhecimento social.

Já a transdisciplinaridade é uma questão para os campos do saber. Do ponto de vista dos saberes nossa especificidade é parte integrante de uma rede de conhecimentos. Produzidos localmente e relativos a esse pequeno domínio, a terapia ocupacional, nossos saberes passam a compor e se inter cruzar no campo mais amplo dos saberes sobre o homem que, segundo FOUCAULT (1985, p.368)<sup>5</sup>, se encontram nas fronteiras imediatas das ciências empíricas onde se trata da vida, do trabalho e da linguagem. No interior deste campo *“todas as ciências humanas se entrecruzam e podem sempre interpenetrar-se umas às outras, suas fronteiras (tendem) a se apagar, as disciplinas intermediárias e mistas a se multiplicar indefinidamente”* (p.375)<sup>5</sup>.

Este grande território das ciências humanas pode ainda dialogar com o território das ciências da natureza, como propõe a Declaração de Veneza<sup>(1)</sup>, buscando a superação da fronteira entre as ciências da vida e as ciências do homem.

Do ponto de vista, portanto, da produção de conhecimento em terapia ocupacional, a transdisciplinaridade se coloca como uma necessidade a ser enfrentada. O que não implica necessariamente uma diluição da especificidade do campo e das questões a ele concernentes. A especificidade enquanto aquilo que marca uma prática é dada precisamente por esta mesma prática. E a prática da terapia ocupacional não se restringe a prática do profissional no mercado (e às delimitações de funções que asseguram ao profissional um lugar na equipe); a prática da terapia ocupacional ocupa um espectro cada vez mais amplo: abrange as produções teóricas, os processos de formação profissional, os diálogos e trocas com outros campos de saber, as práticas, muitas vezes desempenhadas por outros profissionais, cujos subsídios conceituais e metodológicos pertencem ao campo da terapia ocupacional.

Aqui, a relação entre teoria e prática não se dá de forma linear no sentido da aplicabilidade de uma teoria a um determinado campo prático. Mas, como nos ensina FOUCAULT e DELEUZE<sup>6</sup>, as relações entre teoria e prática são parciais e fragmentárias: a teoria, local e relativa a um domínio, pode ser aplicada a outro; a prática neste domínio pode necessitar de teorias vindas de outros domínios. A teoria é ela mesma uma prática e uma caixa de ferramentas que só terá sentido se servir a algo, se for utilizada. Ações teóricas e práticas se tomam em relações de revezamento ou em rede (1982, p.70)<sup>6</sup>.

Mas, enquanto a teoria pode desenvolver-se intramuros, a prática a leva sempre a atravessar esses mesmos muros. Na “vida real” não há distinções disciplinares. Se nosso campo é eminentemente prático, se trataria de um campo tecnológico, com nos propõe TASSARA (1993/6, p.46)<sup>12</sup>, que tem sua produção de conhecimento voltada para esta mesma prática, este conhecimento produzido aí, terá que necessariamente atravessar os muros para acompanhar as práticas. E então estamos jogados num pensamento-movimento que, construído a partir de transversalidades, constitui um campo de conhecimento intermediário de base transdisciplinar que pode compor e fazer parte dessa grande *“ciência metamorfoseada, caracterizada por um diálogo entre os vários discursos do saber (que) terá de ser capaz de propor novas ‘linhas de*

(1) *“A Unesco promoveu em Veneza, no ano de 1986, o Simpósio Internacional “Ciência e as fronteiras do conhecimento: o prólogo de nosso passado cultural” (...). O resultado final do encontro foi objetivado na Declaração de Veneza, um conjunto de seis recomendações que em tese, deveria servir como uma carta de intenções para o desenvolvimento científico contemporâneo e para a reordenação da cartografia universitária ossificada em áreas compartimentalizadas do saber”* (CARVALHO, 1992, p.91)<sup>1</sup>.

*investigação' e instigantes 'matrizes de pensamento teórico' (CARVALHO, 1992, p.95)<sup>1</sup>.*

Estamos propondo pensarmos a terapia ocupacional como um espaço de multiplicidades discursivas e práticas, que compreende uma diversidade de campos de ação. Para isso é preciso um *pensamento complexo* que, segundo a proposta que nos faz MORIN (1996, p.285)<sup>9</sup>, não é um pensamento completo, mas um pensamento que se sabe local, situado em um tempo e um lugar, povoado de incertezas.

Para este espaço a identidade serviria como uma insígnia, uma marca cuja função seria congregar atores num movimento de territorialização no qual intensidades e experiência possam se definir e ganhar contorno através de certas matérias de expressão, num movimento que é, em última instância, de criação de mundos.

Mas temos que estar atentos para o perigo de nos

aprisionarmos nesse território; a pertença a um território não deveria nos impedir de realizar movimento desterritorializantes que apontem para novas configurações.

Estando, como estamos, quando nos abrimos para o acolhimento do *outro*, mergulhados no imprevisível e no estranhamento, somos ameaçados em nossas certezas, em nossos territórios já constituídos. Se ao invés de nos defendermos dessas experiências desestabilizadoras, nos empenharmos na invenção de novos territórios, poderemos dar corpo e consistência a uma *identidade processual*, uma *identidade complexa*, uma *identidade feita de diferenças*.

Ao invés de uma identidade-relógio, que transmitiria a idéia de estabilidade, uma *identidade-nuvem*, utilizando em outro contexto a imagem proposta por PRIGOGINE (1996, p.265)<sup>11</sup> que enfatiza o imprevisível, o surgimento permanente de novas figuras e formas.

---

LIMA, E.M.F.A. Identity and complexity: compositions in occupational therapy. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v.10, n.2/3, p.42-5, mai./dez., 1999.

**ABSTRACT:** This paper discusses the occupational therapist professional identity with a transdisciplinary perspective, taking into account this field's complexity. It proposes to think Occupational Therapy as an area of both discursive and practical multiplicities, and to search the *complex identity* of the occupational therapist on a thematic territory crossed and articulated by the therapeutic processes and techniques.

**KEY WORDS:** Occupational therapy, trends.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CARVALHO, E.A. A Declaração de Veneza e o desafio transdisciplinar. *Rev. Margem*, n.1, p.91-103, 1992.
2. COELHO Jr., N. A Identidade (em crise) do psicólogo. *Cadernos de Subjetividade* (São Paulo), n.4, p.302-14, 1996.
3. DELEUZE, G. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1974. 342p.
4. FERRARI, S.M.L. Terapia ocupacional: integração e produção do saber. *Rev. Centro Estudos Ter. Ocup.* (São Paulo), v.1, n.1, p.8-9, 1995.
5. FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. São Paulo, Martins Fontes, 1985. 407p.
6. FOUCAULT, M., DELEUZE, G. Os intelectuais e o poder. In: MACHADO, R., org. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1982. p.69-78.
7. FURTADO, E.A. Percepção acerca da Terapia Ocupacional. *Rev. Ter. Ocup.* (São Paulo), v.2, n.1, p.34-7, 1991.
8. LIMA, E.A. Terapia Ocupacional: um território de fronteira? *Rev. Ter. Ocup.* (São Paulo), v.8, n.2, p.98-101, 1998.
9. MORIN, E. Epistemologia da complexidade. In: SCHNITMAN, D.F., org. *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996a. p.274-89.
10. MORIN, E. A noção de sujeito. In: SCHNITMAN, D.F., org. *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996b. p.46-58.
11. PRIGOGINE, I. Dos relógios às nuvens. In: SCHNITMAN, D.F., org. *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p.257-73.
12. TASSARA, E. T. O. Terapia ocupacional: ciência ou tecnologia? *Rev. Ter. Ocup.* (São Paulo), v.4/7, p.43-52, 1993/6.

Recebido para publicação: 24/09/1999

Aceito para publicação: 29/10/1999